

O FIM DO CAPITALISMO COMO O CONHECEMOS, ELMAR ALTVATER

*Maurilio Lima Botelho*¹

Contra a perspectiva dominante, à direita e à esquerda, de que todos os problemas sociais, econômicos e ambientais devem ser resolvidos direta ou indiretamente por mecanismos de mercado, Elmar Altvater apresenta uma longa reflexão sobre a natureza destrutiva da economia de mercado em seu livro *O fim do capitalismo como o conhecemos*.² Mais ainda: longe de encontrar no mercado meros efeitos sobre a vida social e ambiental que poderiam ser “corrigidos”, “ajustados” ou mesmo “compensados” por políticas públicas ou taxações ecológicas, Altvater aponta que a permanência da economia de mercado coloca a própria humanidade em risco – é a própria insustentabilidade do capitalismo que está em jogo, daí o seu fim, tal “como o conhecemos”.

A partir de uma análise da lógica da acumulação capitalista e de seus desdobramentos lógicos e históricos (mais-valia absoluta, mais-valia relativa, desenvolvimento progressivo da alta tecnologia automática etc.), assim como de suas contradições (superprodução, crises), Altvater argumenta que não há possibilidade de se apostar num “limite interno” do desenvolvimento capitalista. No entanto, o “limite externo” desse desenvolvimento estaria sendo alcançado em nossa época – limite além do qual nenhum crescimento, ampliação, desenvolvimento ou progresso social e econômico é possível. Restam apenas catástrofes sociais e ecológicas, desemprego em massa, terrorismo e guerras de espoliação.

O caminho teórico de Altvater para chegar a essa conclusão parte da análise das categorias fundamentais do capitalismo, isto é, valor, mercadoria e dinheiro, ressaltando o “autismo” inerente a essas categorias, sua base anti-social e destrutiva (Marx). A seguir, demonstra a história de destruição que acompanha a imposição do mercado sobre a sociedade, o desenraizamento da lógica do mercado e do lucro (Polanyi). Por fim, defende que o efeito conjugado de formas capitalistas, racionalidade européia

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
e-mail: maurilio_botelho@oi.com.br

² Elmar Altvater é economista e cientista político alemão, professor da Universidade Livre de Berlim e considerado um dos influenciadores do movimento de maio de 68.

(Weber) e uso maciço de fontes de energia fósseis é uma espécie de conexão social de longa duração que atinge seu limite graças a um choque externo (Braudel).

É interessante, aliás, que boa parte do livro seja uma discussão sobre a teoria das crises capitalistas (especialmente o capítulo V e VI), porque é mais um autor, entre poucos, que dá o devido crédito a essa reflexão num momento em que a economia mundial passa por profundas dificuldades estruturais. Também é importante pois atualmente a teoria da crise não merece sequer uma nota de rodapé nas revistas acadêmicas, periódicos econômicos ou mesmo nos seminários de grupos de esquerda, já que toda a discussão social gira em torno de elementos politicistas e culturalistas. Enfim, a sociedade comporta-se como o doente que, delirando, é incapaz de reconhecer os sintomas que apontariam para a sua moléstia.

Contudo, esse retrospecto da teoria das crises – tema em que Altvater é especialista³ –, tem o intuito de afastar qualquer possibilidade de crise estrutural, colapso ou autoativação de limites internos ao capitalismo (para usar uma expressão cara a István Meszáros). É nesse momento em que a discussão no âmbito do marxismo dá lugar a uma reflexão braudelianiana; a tese do “fim do capitalismo como o conhecemos” ganha fôlego por outros meios:

O capitalismo, disso estou [...] convencido, não pode entrar em colapso por força de uma decadência “endógena”; apenas um golpe externo, de extrema intensidade e combinado com uma alternativa digna de crédito, poderia provocar o seu colapso (Braudel *apud* Altvater, 2010: 22).

Qual seria esse limite, esse golpe *externo* de força suficiente para colocar na lona a sociedade capitalista? Para Altvater é o esgotamento de um dos fundamentos básicos dessa formação social que está dando início à contagem de seus dias – os combustíveis fósseis que permitem, literalmente, à maquinaria do mercado se movimentar:

E o que será quando o combustível do crescimento – as energias primárias de origem fóssil – terminar nas próximas décadas? (...) Então o poder da congruência de capitalismo e fossilismo terá passado, e a crise será inevitável, em virtude do que Braudel chamou de ‘golpe extremamente virulento’. Ela poderá ter início como uma ‘crise energética’, como a de 1973, a de 1981 ou a crise de 2004. Ela se transformará em crise do modelo de produção e de vida, se não puder ser superada simplesmente mediante o aporte de combustíveis de origem fóssil a um preço razoável ou por energias substitutivas não fósseis. Falta o combustível ao crescimento, que se transformou

³ No Brasil veja seus artigos publicados no volume 8 de História do Marxismo (Hobsbawn, Eric J. *História do marxismo, vol 8 – O marxismo na época da terceira internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 11-133).

em fetiche e, portanto, deveria continuar sem restrições, pois o crescimento é um “crescimento lubrificado com petróleo”— e sem petróleo o veículo para (Altvater, 2010: 171).

O longo capítulo VII é dedicado especialmente a analisar essa possibilidade de crise energética: a tese do *peak oil* levantada pelo geólogo norte-americano Marion King Hubbert (por isso também chamada de *pico de Hubbert*) é objeto de discussão em vários níveis, desde o da mera relação entre produção e consumo de combustíveis (relação oferta/demanda com efeitos sobre os preços e, portanto, sobre investimentos), passando pela discussão geopolítica em torno dos países produtores de petróleo (cenários de desestabilização política interna e externa nos últimos anos) e até o da especulação em cima dos preços e dos ativos realmente existentes (simulação de reservas de petróleo não-exploradas, que, como dizem os especialistas, têm aumentado nos relatórios de diversos países da OPEP sem que nenhuma grande descoberta tenha sido realmente comprovada).⁴

Esse trecho do livro, que sustenta toda a argumentação, valeria uma série de discussões paralelas e derivadas, como, por exemplo, o fato de que no Brasil o circo construído em torno do pré-sal serviu para alavancar financeiramente a Petrobrás, sem que até agora os frutos dessas descobertas tenham aparecido – que para alguns analistas só aparecerá mesmo em situação de preços elevados do barril, devido aos custos exorbitantes da exploração. Isso demonstra a importância da reflexão de Altvater sobre a determinação econômica e financeira da exploração energética, como se tudo não passasse de uma mera relação entre recursos disponíveis e tecnologia capaz de alcançá-los. Também valeria ressaltar que especialistas citados por Altvater, entre eles Colin Campbell – geólogo formado em Oxford e que trabalhou para grandes corporações petrolíferas –, tem defendido que o pico global do petróleo teria sido atingido por volta de 2005.⁵ Mais significativo ainda, para além dos distúrbios recentes em países como o Egito e Irã, é a informação publicada no *Wikileaks* de que documentos da embaixada estadunidense na Arábia Saudita (maior produtor mundial e país com maiores reservas)

⁴ É importante lembrar que a tese do *peak oil* não aponta para o fim imediato das reservas, mas para o ponto culminante da produção nacional ou mundial (agregada), portanto para o ponto além do qual a demanda não pode mais ser suprida, o que provoca efeitos sobre os preços e mesmo o acréscimo de novas fontes produtoras pode ser desencorajado dado o volume de investimentos necessários.

⁵ O livro de Altvater teve sua publicação no original em 2005, mas trabalha já com essas informações, embora ressalte que diferentes projeções indicam também a década que adentramos agora como o limite (ver p. 239). A edição brasileira, publicada em 2010, conta especialmente com um prefácio para o Brasil, o que nos faz recordar que Altvater tem uma longa história de relação com intelectuais e universidades brasileiras, tendo já inúmeras vezes palestrado no país.

relatam que o país teria atingido o *peak oil* e que as estimativas de reservas estão infladas em 40 %.⁶

Mesmo que o livro de Altvater seja quase que inteiramente voltado ao que chamamos de *crítica da economia política* – crítica do capitalismo baseada em suas categorias elementares –, a análise do *peak oil* não é uma discussão complementar ou meramente acessória, *catastrofista*. Além de fornecer o argumento principal para a tese braudeliana do “limite externo”, a reflexão em torno do esgotamento energético é também um elemento de crítica interna à nossa formação social, já que a única possibilidade de saída -- e, portanto, de alternativa a esse mundo de catástrofes que se avizinha -- seria a construção consciente e coletiva de uma “sociedade solar”. A única alternativa ao “império da barbárie” (p. 35) seria uma transformação gradual da vida cotidiana que suplantaria essa lógica baseada em imensos ambientes urbanos, circulação automobilística, gasto supérfluo de energia e depredação dos recursos naturais. A utilização de fontes de energia alternativa (energia solar, eólica e geotérmica entre outras) seria o princípio estruturador de uma vida coletiva baseada na produção e consumo local, assim como na eliminação das mediações fetichistas do Estado e mercado. Altvater chama isso de “economia solidária”, mas o espectro de exemplos que ele apresenta (sem mitificar) envolve cooperativas de trabalhadores, fábricas ocupadas e sob regime de autogestão, produção agroecológica, tecnologia alternativa de construção e movimentos socioterritoriais, expressão obtida com Bernardo Mançano. Essas iniciativas são essenciais, para o teórico alemão, porque apenas assim podemos falar em uma organização econômica alternativa, já que grandes cidades, automóveis e consumo em massa só podem ser mantidos através de estruturas centralizadas, sejam elas financeiras (grandes corporações do capital financeiro), o Estado ou as indústrias de petróleo. Uma “sociedade solar”, portanto, apareceria como uma pretensa “alternativa digna de crédito” exigida por Braudel, uma sociedade descentralizada e local, um caminho histórico distinto deste que tem produzido cada vez mais crises econômicas, desemprego em larga escala, destruições ambientais e tem esgotado os recursos necessários à vida. Resta saber em que medidas esses movimentos variados apontados são realmente uma alternativa ou reproduzem em suas práticas as mesmas categorias básicas da formação social capitalista.

⁶ WikiLeaks cables: Saudi Arabia cannot pump enough oil to keep a lid on prices, The Guardian, 8/02/2008. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/business/2011/feb/08/saudi-oil-reserves-overstated-wikileaks>.

Altvater argumenta ainda que o esgotamento dos combustíveis fósseis, conjugado com uma tentativa de manter a rentabilidade a qualquer preço, produzem “choques externos” como secas, fomes, mudanças climáticas que retroalimentam o limite, ou seja, forcem o capitalismo ao seu extremo. Reside também aí a força de uma argumentação que vai contra o domínio instituído das verdades pré-conceituais de sempre: os cétricos quanto ao uso da energia solar estão corretos, já que “é impossível manter o ritmo da acumulação capitalista com energia de fluxo solar” (Altvater, 2010: 132) – por isso mesmo ela é necessária.⁷

Para arranjar toda essa discussão, Altvater não se utiliza apenas dos clássicos do pensamento social, mas aparecem também autores contemporâneos que têm reforçado a crítica do capitalismo. De particular interesse é a relação teórica de Altvater com a obra de David Harvey, o autor mais citado diretamente ao longo do livro. Quase toda a reflexão sobre “congruência trinitária das formas capitalistas das energias primárias e da racionalidade européia” (p. 117) – os fundamentos de nossa sociedade moderna –, gira em torno da compreensão da questão da localização do capital, da compressão espaço-tempo, da geopolítica do novo imperialismo e da globalização, o que leva Altvater a concluir que o capitalismo é uma peculiar “geoeconomia”:

Em princípio, a economia capitalista é uma geoeconomia e seus atores procuram transpor todas as fronteiras. Não se trata aqui apenas de fronteiras geográficas no espaço territorial, mas também de fronteiras no tempo. Tudo é feito para aproximar o tempo mediante a aceleração ao índice limítrofe zero, pois só mediante a aceleração de todos os processos é possível aumentar a produtividade: mais produtos na mesma unidade de tempo ou o mesmo conjunto de produtos em menos tempo (de trabalho), num tempo (de trabalho) mais comprimido. Esse é o segredo do aumento da riqueza das nações. Essa é uma consequência da racionalidade da dominação européia do mundo e, portanto, também o pressuposto sócio-histórico da “cientificização” do mundo, isto é, de uma combinação historicamente nova e extremamente eficaz de capitalismo e ciência (Altvater, 2010: 100).

O nexos é importante, embora normalmente seja ignorado pelos próprios críticos da sociedade da mercadoria e do dinheiro: no movimento básico do “sujeito automático” (Marx), isto é, o valor que se valoriza para transformar-se em capital

⁷ Aqui aparece uma incoerência ao longo da obra de Altvater: embora em quase toda a obra ele defenda que “não existe um futuro na estrada do regime energético fóssil. A transição para uma ‘sociedade solar’ é inevitável” (p. 135), em alguns poucos momentos o “fim do capitalismo tal como o conhecemos” aparece como uma manutenção do capitalismo sob outra forma, tal como aparece no seu prefácio à edição brasileira: “A inovação do mundo é possível, mas apenas se o caminho de desenvolvimento for redirecionado para as energias renováveis e para as formas solidárias de gestão econômica, *para um outro capitalismo com outro sistema financeiro*, ou para além do capitalismo” (p. 13, grifo nosso).

(Altvater, 2010: 65-66), há um impulso para a expansão desenfreada. Essa expansão aparece como ampliação absoluta do horizonte geográfico capitalista, como incorporação crescente de novos trabalhadores, novos produtos e, portanto, alargamento dos mercados; mas também aparece como reorganização espacial interna, como mudança no modo de relacionamento dos próprios espaços do capital, que podem se aproximar relativamente graças a redução dos custos de circulação, ampliação da tecnologia de transporte e comunicação, enfim, compressão do espaço por meio do controle rigoroso do tempo. Mas há ainda um outro momento que envolve tanto a expansão absoluta quanto a expansão relativa do espaço capitalista, que é a produção de novos mercados: não se trata apenas da expansão de um mercado já constituído, mas a necessidade de submeter o ambiente “externo” em ambiente “interno”. Esse mecanismo aparece seja sob a forma da valorização territorial primária, isto é, transformação de elementos naturais em mercadorias, seja sob a forma da criação de novos mercados por meio da “exportação de capitais” (tema dos clássicos do imperialismo), ou então por meio da atual “acumulação por espoliação” ou, na tradução mais adequada no livro de Altvater, “acumulação por desapropriação” – a atual corrida do capital financeiro pela privatização de bens comunitários (solo, água etc.) ou estatais (empresas, recursos minerais etc.), como forma de expandir seus ganhos que não são mais obtidos pelas vias tradicionais da produção e realização de valor.⁸

A lógica da valorização do capital domina o tempo e o espaço por meio da aceleração e da expansão territorial, por meio da apropriação e da desapropriação dos concorrentes no território (Altvater, 2010: 89).

Também significativa, produto dessa reflexão sobre a relação espaço-tempo no capitalismo, é a análise da dinâmica de localização do capital, que, nas condições de um mercado mundial integrado e interconectado em tempo real, torna-se um elemento desestabilizador para o próprio capitalismo. Isto é: a acirrada perseguição de taxas de lucros maiores e de custos reduzidos força as empresas a tratarem o planeta como uma superfície fluída onde podem investir, contratar, subcontratar e produzir para o mercado global, sem contudo garantirem, nesse processo, o mercado consumidor adequado para a sua própria produção, pois “a transferência de empresas para regiões de salários baixos – ou a ameaça de efetuar essa transferência – exerce um efeito disciplinador

⁸ A expressão “acumulação por espoliação”, empregada por David Harvey, é o conceito fundamental da obra *O Novo Imperialismo* (São Paulo: Edições Loyola). Sobre a incorporação desse conceito na obra de Altvater, ver pp. 107-115.

sobre o nível dos salários nos países industrializados” (Altvater, 2010: 165). Resulta daí uma baixa geral dos salários, de um lado, e, de outro, “pretensões extremamente elevadas de rendimentos por parte dos investidores financeiros [que] jogariam a acumulação real em uma grave crise” (2010: 165).

Ora, nesse momento que os problemas *internos* de acumulação são ressaltados por Elmar Altvater, cabe fazer uma objeção ao argumento principal do livro – objeção mais conceitual do que propriamente teórica. Entendido o sistema da economia de mercado como essa “congruência trinitária” de formas capitalistas, energia fóssil e racionalidade européia, os elementos que aparentemente são os ativadores de um limite *externo* estão, desde a Primeira Revolução Industrial, *internalizados* sob o conjunto categorial burguês. Isso quer dizer que a energia fóssil não é apenas um forma energética qualquer encontrada pelo capital ao longo de seu desenvolvimento, mas é a *sua* plataforma energética mais adequada – para usarmos os termos da crítica da economia política: não é meramente acidental o nexos entre capital e combustível fóssil, é *essencial*, pois a *forma* encontrou e desenvolveu uma *matéria* que lhe é adequada. Faz todo sentido, portanto, que a reconstituição histórica nos mostre que a energia obtida com o carvão, petróleo e gás seja conhecida séculos antes do capitalismo, mas que *apenas* no interior desse invólucro social é que seja devidamente explorada. O constrangimento ao uso máximo dessa matéria não é algo meramente *externo*, mas procede do nexos interior desta forma social que tende à “produção pela produção” (Marx). A *externalização* de custos da unidade microeconômica é o comportamento fetichista que responde à *internalização* de obstáculos pela economia global. O esgotamento das fontes fósseis é, assim, um problema interno ao capitalismo, ainda que sob a aparência de um limite natural exterior. Se não o fosse, o próprio capitalismo poderia ter condições de explorar energias alternativas, mas isso demandaria investimentos e reconversões produtivas que o entravariam. O problema, deste modo, não é o de esgotamento energético, o problema é o de esgotamento de uma forma civilizatória. Altvater, inclusive, parece em determinado momento apontar também para isso. Trazendo para a atualidade um problema posto por Gramsci (o do controle político das “implosões catastróficas” da esfera econômica), nosso autor comenta:

Gramsci não pôde considerar uma evolução histórica diferente, que ocupa o centro desse trabalho: o fato de o capitalismo e as estruturas da sociedade civil, que lhe são adequadas, esbarrarem em limites não por causa das contradições e crises internas, mas sobretudo por causa das fronteiras externas da natureza. Contudo, essas fronteiras estão,

conforme já ressaltamos várias vezes, interiorizadas na relação capitalista com a natureza e, por conseguinte, tão inerentes ao capitalismo como as contradições sociais resultantes do vínculo de trabalho assalariado. As reservas de petróleo, em vias de desaparecimento, poderão desestabilizar o mecanismo de reprodução do capitalismo (Altvater, 2010: 336-337).

A grande questão do século XXI – e esta é a grande contribuição de Altvater – não é exatamente de como substituir as fontes de energia que tem permitido até agora nossa locomoção, mas como substituir a forma social atual por uma outra que nos permita andar sem muletas.

Altvater, Elmar. *O fim do capitalismo como o conhecemos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.